

Do impresso aos tablets: um estudo sobre a influência da evolução tecnológica e da transposição do conteúdo jornalístico para novos dispositivos no fluxo narrativo da notícia

From printing to tablets: a study on the influence of the technological evolution and the transmutation of the journalistic content for new devices in the narrative flow of news

Augusto Lohmann, Breno Bitarello, Leonardo Rocha

tecnologia, informação, interfaces

O artigo apresenta um estudo sobre a narrativa da notícia em jornais impressos, em sites de notícias na Web e em novos aplicativos para dispositivos móveis e tablets. O objetivo é entender de que forma o avanço tecnológico e a transposição do conteúdo noticioso do jornal impresso para diferentes ambientes influenciaram o fluxo narrativo da notícia e a maneira como os leitores interagem com a notícia.

technology, information, interfaces

The article presents a study on the narrative of the news in newspapers, on news sites and Web applications for new mobile devices and tablets. The goal is to understand how technological advancement and transposition of the news content of the newspaper for different environments influence the narrative flow of the news and how readers interact with the news.

1 Introdução

A forma como a notícia é contada sofreu grandes transformações em seu percurso histórico. Exemplos incluem a invenção da prensa a vapor de Frederic Koenig (1814), do Linotipo (1884) (Freire, 2009), do telégrafo de Samuel Morse (1844) (Ferreira, 2003), do computador e, mais recentemente, de dispositivos móveis como *tablets* e *smartphones*. Ao longo dos anos, a linguagem utilizada pela imprensa escrita sofreu diversas modificações e foi evoluindo até os modelos consolidados nos jornais atualmente em produção e circulação no mundo. O que antes era transmitido apenas oralmente, passou a ser impresso em larga escala, com foco no aumento da difusão da informação.

As primeiras páginas da Web começaram a ser criadas no início dos anos 1990, com diversas limitações em termos de conteúdo, complexidade técnica e volume de público. Estes fatores implicaram em abordagens e técnicas que eram inicialmente limitadas pela tecnologia, com páginas da Web incluindo principalmente o texto, e com pouca atenção voltada para questões referentes ao *design*.

A popularização do acesso à Internet, atrelada à extensa gama de dispositivos móveis que permitem tanto a visualização quanto a manipulação do conteúdo nos mais diversos lugares, atua ativamente na transformação do processo de construção e narrativa da notícia. Não somente o imediatismo, a necessidade da informação em “tempo real” e a sobrecarga de fontes onde podem ser encontradas múltiplas visões para um mesmo fato noticioso são modificados, mas também a forma como o conteúdo transmitido é apresentado. As novas tecnologias possibilitam a alteração da forma como a informação é apresentada ao leitor e da maneira como este estabelece o fluxo de experiência de leitura e a navegação pelo conteúdo acessado. Como “fluxo de experiência de leitura”, entende-se o comportamento do usuário no processo de apreender e acessar informações em uma mídia específica, seja na leitura de um jornal, na navegação em um *website* ou na utilização de um aplicativo noticioso em um dispositivo móvel.

A constante e crescente participação dos meios tecnológicos como mediadores e fontes de informação exerce grande influência na maneira como a informação é apresentada e

visualizada (Ferreira, 2003; Barreto, 1998). A utilização dos conhecimentos adquiridos com as tecnologias que antecedem a Web – estas aplicadas no *design* de conteúdos *online*, dadas as suas propriedades intrínsecas, a saber: alcance potencial, meio de transmissão etc. – merece reflexão no âmbito do Design de Informação.

Desse modo, o objetivo deste artigo é:

- Entender as particularidades do fluxo de experiência de leitura nas mídias impressas e nas mídias digitais, diferenciando conteúdo Web de conteúdo para aplicativos em dispositivos móveis;
- Estudar e entender as possíveis diferenças e mudanças, verificando até que ponto essas transformações na narrativa do processo noticioso estão sendo apreendidas pelos leitores/usuários nos dias de hoje;
- Analisar se os caminhos seguidos pelos produtores de conteúdo para dispositivos móveis, particularmente para o iPad, seguem alguma nova tendência ou se, na verdade, promovem apenas um retorno aos princípios consolidados no jornalismo impresso.

2 Propósito

Como afirmado, a comunicação eletrônica possibilitada pelo desenvolvimento tecnológico altera o fluxo da informação, atuando ativamente no processo interativo estabelecido com seu usuário. A forma como a informação é transmitida depende da tecnologia utilizada para a sua transmissão. Desse modo, assim como ocorre com as tecnologias antecessoras, o acesso ao conteúdo noticioso – antes impresso e, posteriormente, visualizado através da tela do computador – é, ou pelo menos deveria ser, radicalmente modificado com a utilização de *tablets* e *smartphones*. A forma como as novas tecnologias se relacionam com o conteúdo noticioso passa a influenciar a construção deste conteúdo (Freire, 2009). Nestes dispositivos, o fluxo da informação destaca-se pelas características de não linearidade e descontinuidade.

Nos *websites* de notícias, a experiência acontece de uma forma bastante diferente da dos jornais impressos, pois o conteúdo encontra-se fragmentado (Freire, 2009). No modelo de navegação que se convencionou como um padrão entre os *websites* de notícias, normalmente a experiência de leitura começa em uma página que atua como um índice, a *home-page*, funcionando como um direcionador, um apontador para outros conteúdos. Tais conteúdos são organizados seguindo a lógica editorial de cada instituição noticiosa, de maneira a oferecer ao leitor o que de mais relevante aconteceu na visão dos editores do *website*. A lógica de índices funciona muito bem quando o leitor tem um ou mais objetivos específicos e sabe o que quer encontrar, mas numa experiência de imersão em busca de uma visão geral do que aconteceu de mais importante em um campo específico de interesse, o fluxo noticioso se torna uma experiência não linear ou, poder-se-ia dizer, “rizomática”, termo explicado por Dalmonte (2009) como:

[...] um conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari, no livro intitulado *Mil Platôs*. Os autores utilizam a metáfora de um tipo de vegetação aquática, que se desenvolve na superfície da água, sem tronco ou caule, totalmente ramificada. Segundo Landow (1997), o rizoma opõe-se à ideia de hierarquia pois, ao contrário da estrutura de uma árvore, um rizoma, em tese, pode conectar qualquer ponto a qualquer outro ponto, oferecendo muitos começos e muitos fins (Dalmonte, 2009, p:161).

Nesse contexto, o leitor tem controle sobre o fluxo da informação, isto é, ele não precisa seguir uma determinada linearidade do conteúdo noticioso. Assim sendo, o jornalismo *online* possibilita a exploração de novas modalidades de difusão da informação e uma relação dinâmica com o leitor, que atua como manipulador do conteúdo interativo (Castells, 1999).

No jornal impresso, as notícias são entregues em um pacote fechado, com hierarquias e narrativas muito bem definidas e estabelecidas. Por mais que o leitor possa optar por um ou outro conteúdo, o jornal impresso foi pensado como uma experiência de leitura única capaz de manter alguém informado sobre tudo o que de mais relevante (de acordo com a visão editorial do jornal) aconteceu em um determinado dia. Já nos *websites* de notícias, a questão da hierarquia ainda existe, entretanto as narrativas são muito mais fluidas e variáveis. O leitor tem uma liberdade maior para estabelecer seu próprio fluxo, seu próprio ritmo de leitura, independente da existência de toda uma arquitetura de informação que tenta prever e

estabelecer possibilidades de fluxos narrativos ao leitor. Ou seja: o leitor não precisa ir de um determinado item a outro (Ward, 2002). O fluxo torna-se não linear, de modo a possibilitar o deslocamento do leitor pelos mais diversos conteúdos, sem a necessidade de seguir uma ordem pré-determinada. Os conteúdos podem ser relacionados, mas ainda assim podem ser lidos isoladamente. Através de varreduras visuais do conteúdo, o leitor define seus principais focos de interesse e, ao acessar estes conteúdos, o ato de leitura linear do conteúdo impresso é substituído pelo clique do *mouse*, que leva o leitor do conteúdo digital a interagir com o conteúdo binário e manipulável. O conteúdo digital permite explorar recursos multimídia como gráficos e figuras animados, vídeos, sons e textos dinâmicos.

Se, no jornal impresso, o término da leitura implica em uma volta quase que imediata à situação inicial, onde os demais conteúdos disputam sua atenção, na versão Web o fim da leitura resulta no encerramento de uma micro-experiência, que exige uma atitude do leitor para voltar à situação de origem, ou seja, para o ponto de partida de outras micro-experiências, por meio do clique do *mouse*. Assim sendo, pode-se dizer que o fato do conteúdo digital estar apresentado na forma de pacotes de informação propicia ao leitor o acesso a pequenas experiências interativas que, ao serem finalizadas, possibilitam o seu retorno ao ponto inicial, dando a opção de acesso a outros conteúdos que, por sua vez, promovem a continuidade da experiência interativa. Trata-se de uma experiência contínua onde o leitor opta pelos pacotes informacionais de seu interesse.

Quanto aos dispositivos móveis, alguns pontos podem ser levantados no tocante ao chamado “jornalismo móvel”. Segundo Silva (2008):

O termo vem aparecendo na literatura nos últimos anos apontando para a emergência de uma nova forma de construção ou de acesso à notícia em mobilidade a partir do emprego de tecnologias móveis em rede sem fio (Silva, 2008, p:3).

Vale ressaltar que o foco do presente estudo é o jornalismo móvel profissional, ou seja, aquele realizado por empresas especializadas na produção de conteúdo noticioso (redação com pessoal especializado), em contraponto ao jornalista móvel amador, ou seja, o usuário que lança mão da conectividade dos dispositivos móveis – redes sem fio que incluem *wireless* e tecnologias de terceira geração, o 3G – para produzir notícias sobre os locais onde estão presentes. Com a utilização das redes sem fio, o usuário pode acessar o conteúdo noticioso em qualquer lugar e a qualquer momento, fato este que implica em um maior acesso aos conteúdos jornalísticos.

Nesse contexto, duas questões se destacam no jornalismo móvel: a sua produção em termos profissionais e o acesso ao conteúdo pelos usuários. Nosso foco, entretanto, será no conteúdo, no modo como este é apresentado ao usuário, e suas diferenças e semelhanças em comparação aos jornalismo *online* e impresso.

O aprofundamento neste assunto mostra-se de grande relevância no cenário atual, dado que um levantamento recente da empresa de pesquisa comScore aponta o Brasil como o país mais interessado em utilizar dispositivos móveis para acesso a conteúdos jornalísticos, isto porque o tráfego de dados correspondente – embora seja baixo, com 1,9%, ocupando a 11ª posição, juntamente com a Alemanha – sobrepõe-se àquele gerado pelo acesso a outros tipos de conteúdo, obtendo o maior índice: 316. Ainda de acordo com o estudo, em relação ao tráfego de dados no país originado de dispositivos móveis, o Brasil detém a 2ª maior participação de *tablets*, o mesmo valendo para iPads, que respondem por 31,8% do tráfego total, atrás apenas do Canadá. Assim sendo, justifica-se a escolha de aplicativos para este dispositivo como exemplos de análise.

3 Métodos de pesquisa

Para este artigo, faz-se necessário entender melhor as diferenças apontadas acima, a partir de um levantamento bibliográfico que indique as principais características e variáveis do jornalismo impresso e do jornalismo *online* – este, especificamente, no suporte *Web* – para que, em seguida, seja possível fazer um estudo analítico comparativo entre estes e o jornalismo voltado para dispositivos móveis do tipo *tablet*.

Para a pesquisa foram considerados os trabalhos de Bardoel & Deuze (2001) e Palacios (2002), que estabelecem como características do jornalismo desenvolvido para a Web a

Multimedialidade, a Interatividade, a Hipertextualidade, a Personalização, a Memória e a Atualização Contínua, conforme as seguintes definições:

Multimedialidade:

Para Palacios (2003), o conceito refere-se à:

[...] convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. A convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade (Palacios, 2003, p:3).

Interatividade:

Entre as demais características, Bardoel & Deuze (2001) consideram que a notícia *online* possui:

[...] a capacidade de fazer com que o leitor/usuário sinta-se mais diretamente parte do processo jornalístico. Isto pode acontecer de diversas maneiras: pela troca de e-mails entre leitores e jornalistas, através da disponibilização da opinião dos leitores, como é feito em sites que abrigam fóruns de discussões, através de chats com jornalistas, etc (Bardoel & Deuze, 2001, p:5).

Machado (1997), por sua vez, ressalta que:

A interatividade ocorre também no âmbito da própria notícia, ou seja, a navegação pelo hipertexto também pode ser classificada como uma situação interativa. Adota-se o termo multi-interativo para designar o conjunto de processos que envolvem a situação do leitor de um jornal na Web (Machado, 1997, p:146).

Hipertextualidade:

O hipertexto está relacionado com os conceitos e as propriedades da hipermídia, que, para Machado (1997), é:

[...] uma forma combinatória, permutacional e interativa de multimídia, em que textos, sons e imagens (estáticas e em movimento) estão ligados entre si por elos probabilísticos e móveis, que podem ser configurados pelos receptores de diferentes maneiras (Machado, 1997, p:146).

Personalização:

Conceito que está diretamente relacionado à interatividade, sendo fruto da relação do leitor com o produto noticioso, suas escolhas e sua linearidade narrativa particular. Para Zuin & Correia (2008), a personalização está:

[...] próxima da dissertação, uma vez que o usuário tem condições de fazer e/ou modificar o processo, ou ainda construir de acordo com sua mediação (Zuin & Correia, 2008, p:13).

Memória:

O armazenamento do conteúdo em base de dados faz com que o webjornalismo se diferencie do jornalismo impresso na maneira como o conteúdo é armazenado e relacionado entre si, permitindo que o usuário acesse qualquer conteúdo e estabeleça seus próprios fluxos de leitura, criando assim uma relação particular com a questão da temporalidade. Sobre isto, Machado (2004) diz o seguinte:

O uso das bases de dados permite a ininterruptão do fluxo informacional, o que torna possível e confiável o acesso a informações. [...] o texto webjornalístico, incrementado pelo banco de dados, pode viabilizar vários caminhos a determinados conteúdos e o usuário pode acessá-los a qualquer momento (Machado, 2004, p:5).

Atualização Contínua:

O jornalismo na Web permite atualizações de conteúdo em “tempo real”, ao contrário do jornalismo impresso que possui edições periódicas (geralmente diárias), cujo conteúdo é estático, e definido até o momento em que a edição é impressa e preparada para distribuição. Além disso, o seu conteúdo pode ser acessado a qualquer instante e em qualquer lugar via Internet. Sobre este assunto, Palacios (2003) esclarece que:

A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da Web. Isso possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse (Palacios, 2003, p:4-5).

O estudo de Zuin & Correia (2008) também foi utilizado no presente artigo. Baseado na aplicação da teoria das Matrizes da Linguagem e Pensamento, desenvolvida por Santaella (2001, p:379), nos veículos impresso e online, estes analisados tanto no plano discursivo, como no plano da diagramação, e que chega à seguinte conclusão: enquanto que no jornalismo impresso é possível encontrar claramente relações explícitas entre a Matriz Verbal e a Matriz Visual, com forte presença do discurso narrativo, com páginas e imagens se apresentando em uma ordenação sintático-textual, no webjornalismo identifica-se a presença – na verdade, uma fusão – das Matrizes Verbal, Sonora e Visual com a característica eminente da interação, por meio do hipertexto, onde o espaço informacional é constituído de um sistema midiático complexo, ordenado de forma associativa através do ato de navegação do internauta.

Devido à novidade do tema e à carência de literatura especializada sobre o tema – jornalismo para *tablets* com foco no produto iPad – optou-se por analisar, levando-se em consideração os elementos distintivos do jornalismo impresso e online estabelecidos anteriormente, dois produtos voltados inteiramente para dispositivos do gênero. São eles: The Daily e Wired Magazine, ambos veículos de grande importância e representatividade, ainda que o último se trate de uma publicação mensal.

4 Resultados

A partir da metodologia proposta para este artigo, foi possível estabelecer critérios de comparação entre a experiência de leitura nas mídias impressas, nas mídias digitais da Web tradicional e nas mídias digitais *touchscreen*, com ênfase na versão do The Daily para o *tablet* iPad. Analisando as características do fluxo de leitura nos três cenários propostos neste artigo, é possível encontrar características próprias que corroboram o propósito da pesquisa.

Com relação ao jornalismo impresso, no que tange à questão do fluxo de experiência de leitura, a imersão no conteúdo noticioso se inicia em uma página principal (capa) com os principais destaques editoriais daquela edição, cujo objetivo é muito mais o de apresentar um resumo do conteúdo que será encontrado no restante da leitura do que o de funcionar como um direcionador ou apontador de conteúdo. A partir daí, a leitura segue um fluxo sequencial cuja disposição e diagramação foi editorialmente pensada para guiar os leitores por uma mesma narrativa do discurso. A própria possibilidade do manuseio e paginação do jornal, bem como a presença de numeração nas páginas, trazem a ideia de um princípio, um meio e um fim da leitura. Zuin & Correia (2008) aprofundam a questão:

[...] no que conceituamos como “nível do discurso”, a linguagem verbal escrita que compõem a base da informação do jornalismo impresso é, primeiramente, uma representação da linguagem verbal oral-auditiva. As notícias jornalísticas são exemplos de narração (na perspectiva da Matriz Verbal), na medida em que os textos narrativos organizam as ações e eventos em ordem seqüencial. Além da análise do plano discursivo do jornalismo impresso, desenvolvemos um estudo do nível de diagramação. O jornalismo impresso apresenta tradicionalmente na diagramação da notícia, no nível da matriz visual, casos de formas figurativas (Zuin & Correia, 2008, p:14).

Já o modelo de jornalismo voltado para o consumo na Web faz uso de uma série de potencialidades inerentes à própria Internet, conforme referência feita no capítulo anterior aos trabalhos de Bardeol & Deuze (2001) e Palacios (2002), que estabelecem a Multimídia, a Interatividade, a Hipertextualidade, a Personalização, a Memória e a Atualização Contínua como características determinantes do jornalismo na Internet.

Dessa maneira, o fluxo de leitura de um conteúdo jornalístico na Web tradicional se dá a partir de uma *home-page* que tem o papel de direcionar o leitor para o conteúdo de seu interesse a partir do clique no *link* escolhido. A partir daí, o leitor pode retornar para a *home-page* em busca de novos conteúdos, seguindo para outras matérias relacionadas ao conteúdo acessado ou sugeridas editorialmente, ou pode filtrar conteúdos categorizados a partir de um menu contextual.

Apesar do posicionamento do conteúdo na *home-page* e de sua diagramação, o leitor tem a possibilidade de estabelecer seu próprio fluxo, em infinitas possibilidades de consumo do conteúdo noticioso. O fluxo de leitura não é contínuo e o conteúdo não é apresentado com alguma lógica sequencial, fazendo com que a experiência seja entrecortada, composta por micro-fluxos de leitura e retornos à *home-page* em busca de um novo direcionamento para outros conteúdos. Sobre esse aspecto, Zuin & Correia (2008) também analisam a linguagem

do jornalismo *online*, no que tange à aplicação da teoria das Matrizes da Linguagem e Pensamento, desenvolvida por Santaella (2001, p:379):

[...] a hibridização da linguagem se dá no nível verbal, sonoro, visual e interativo. Neste tipo de mídia, a notícia se apresenta como uma linguagem híbrida, composta por estruturas textuais diversas, que na perspectiva da *Matriz Verbal*, podemos descrever como descritiva, narrativa, dissertativa, porém integrando o corpo do cibernauta no processo de comunicação. Nestes termos, quando comparado com as estruturas de linguagem do jornalismo impresso, fica evidente que a notícia, a cada tempo, se insere as necessidades dinâmicas dos processos de comunicação e cultura do tempo e do espaço. Caracterizando-se essencialmente como uma forma de mídia interativa, os jornais na Internet permitem ao usuário traçar seu próprio percurso discursivo (Zuin & Correia, 2008, p:14).

Zuin & Correia (2008) tratam ainda das peculiaridades que a interatividade e a multimídia conferem ao jornalismo *online*, em uma comparação com o modelo de jornalismo impresso:

[...] o princípio da interatividade, característico do jornalismo *online*, permite ao leitor-usuário estar sempre dentro de um espaço informacional, ou seja, em um ambiente de signos híbridos no qual, imagens, gráficos, desenhos, figuras, palavras, textos, sons e até mesmo o vídeo, se misturam na constituição de um sistema midiático complexo. Desse modo, o uso da Internet une as matrizes sonora, visual e verbal, em um mesmo espaço, criando uma linguagem múltipla e, sobretudo, dinâmica. O uso do jornal na Internet se apresenta muito mais do que um mero somatório de linguagens, e sim como uma nova configuração discursiva: uma fusão das três *Matrizes da Linguagem* por meio do hipertexto (Zuin & Correia, 2008, p:14).

Com relação às características que definem o fluxo de leitura no modelo de jornalismo desenvolvido para consumo em *tablets*, optou-se pela utilização e análise da versão do The Daily e da Wired Magazine para iPad, conforme já indicado nas sessões anteriores. Foram utilizadas as características discutidas na análise do jornalismo impresso e do jornalismo na Web, de forma a avaliar o fluxo de leitura nos *tablets* sob o mesmo viés e princípios utilizados nas duas análises anteriores. Dessa forma, como resultado da avaliação, foi gerada a tabela comparativa abaixo; em seguida, são apresentados dois *print screen* do The Daily, para fins de exemplificação.

Tabela 1: Resumo dos resultados encontrados, após análise do fluxo de leitura nas mídias impressas e digitais (*desktop* e móveis).

Impressos (jornais e revistas)	Websites (desktop)	Aplicativos para dispositivos móveis
<p>Capas e índices apresentam os principais destaques, mas a experiência de leitura se dá de forma sequencial, ao longo da paginação baseada em um fluxo de leitura cuja lógica é definida editorialmente pelo produto noticioso.</p> <p>O leitor faz a varredura das páginas e concentra a atenção no conteúdo que desperta seu interesse. Ao final da leitura, o leitor volta ao estágio anterior de paginação e faz uma varredura geral do conteúdo até a localização de algo que desperte seu interesse.</p> <p>O conteúdo disponibilizado é estático e composto por textos e fotos.</p>	<p>A lógica dos índices é amplificada com a ideia de <i>home-pages</i> que direcionam o leitor para o conteúdo específico.</p> <p>A experiência de leitura é composta por micro-fluxos, onde o usuário não é direcionado para uma sequência com início, meio e fim. A sugestão de ordem de leitura se dá apenas através do posicionamento dos destaques na <i>home-page</i>.</p> <p>O conteúdo disponibilizado é dinâmico e complementado com o uso de vídeos, gráficos e outras formas de interatividade.</p>	<p>A experiência retorna ao conceito de leitura sequencial, com uma ordem de leitura “sugerida” editorialmente, a exemplo dos modelos impressos. Entretanto, a qualquer momento o usuário pode alterar o fluxo de navegação, seja através de atalhos e menus contextuais, seja retornando a uma página de índice que tem a função de <i>home-page</i>.</p> <p>Percebe-se, dessa forma, que o modelo implementado busca mesclar características das duas mídias anteriores. Além disso, a interatividade é levada ao seu limite, com a utilização cada vez maior de infográficos, vídeos e hiperlinks.</p>

Figura 1: Exemplo da lógica do índice dos jornais impressos aplicada aos *tablets*, em publicação do The Daily.



Figura 2: Exemplo de notícia publicada no The Daily para iPad, utilizando a diagramação e o conceito de paginação similares aos de jornais e revistas impressos, mas mantendo a lógica do menu de navegação contextual presente nos jornais para Web, de modo a permitir que o leitor, a qualquer momento, estabeleça um novo fluxo de leitura (observação: figuras 1 e 2 utilizadas com a permissão de The Daily Holdings, Inc.).



5 Conclusões

Apesar dos resultados apontados, vale ressaltar que a forma de se pensar o jornalismo voltado para a Web ou para dispositivos móveis encontra-se ainda em constante construção, conforme aponta Mielniczuk (2003):

O jornalismo desenvolvido para a Web não é um fenômeno concluído, e, sim, em construção e, mesmo com menos de uma década de história, vem apresentando transformações significativas. Por um lado, por causa dos avanços tecnológicos pelos quais a própria Web tem passado, por outro, devido às descobertas de possibilidades oferecidas pela Web para a prática do jornalismo (Mielniczuk, 2003, p:21).

Estendendo um pouco o conceito apresentado por Mielniczuk (2003), pode-se associar o avanço tecnológico também às novas mídias e interfaces e, no caso do presente estudo, aos dispositivos móveis, que através de mudanças como a portabilidade e as telas *touchscreen*, promovem possibilidades de avanços na própria maneira como se constrói o discurso jornalístico e como se desenha o fluxo de leitura do usuário. A forma de se interagir com o conteúdo noticioso, desde a paginação e a diagramação do jornal impresso, passando pela lógica das *home-pages* e da utilização do clique do *mouse* presente no jornalismo na Web tradicional, motivou o desenvolvimento de uma nova experiência para dispositivos móveis, que mistura conceitos desses dois modelos na tentativa de oferecer ao usuário um melhor fluxo de leitura. As novas tecnologias presentes nos *tablets* permitiram o retorno do “manuseio” da notícia e da navegação seqüencial e mantiveram a navegação contextual e a possibilidade do usuário estabelecer o seu próprio fluxo de leitura.

Ainda não é possível concluir se os aplicativos analisados serão realmente capazes de definir um padrão a ser seguido pelos novos aplicativos noticiosos para *tablets*, ou se representarão tão somente uma tentativa inicial de experimentação das potencialidades existentes, a fim de se encontrar, no futuro, um modelo capaz de transformar e consolidar o modo como a informação jornalística é consumida através destes dispositivos.

Assim sendo, é necessário um acompanhamento dessa questão ao longo dos próximos anos, para que seja possível avaliá-la com maior precisão.

Referências

- Bardoel, J. & Deuze, M. (2001). Network journalism: converging competences of media professionals and professionalism. In: *Australian Journalism Review*, S. L., v. 2, n. 23, pp. 91-103.
- Barreto, A. (1998). Mudança estrutural no fluxo do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n. 2, pp. 122-127, maio/ago. 1998.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- comScore (2011). *comScore introduces Device Essentials™ for measuring digital traffic from all devices, enabling optimization of marketing strategies and customer experience*. Disponível em: <http://www.comscore.com/Press_Events/Press_Releases/2011/6/comScore_Introduces_Device_Essentials>. Acesso em: 29 jun. 2011.
- Dalmonete, E. F. (2009). *Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência*. Salvador: EDUFBA.
- Ferreira, P. (2003). O jornalismo e as tecnologias de informação on-line: do telégrafo à Internet móvel. *Revista Estudos de Jornalismo*, Campinas, v. 6, n. 1, pp. 65-77, jan./jun. 2003.
- Freire, E. N. (2009). O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, pp. 291-310, dez. 2009.
- Machado, A. (1997). Hipermídia: o labirinto como metáfora. In: Domingues, D. (Org.) *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. pp.

- Machado, E. (2004). Banco de dados como formato no jornalismo digital. In: *Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação*, 6., 2004, Covilhã. [Anais...] Covilhã: Lusocom.
- Mielniczuk, L. (2003). *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. Tese de Doutorado. FACOM/UFBA.
- Palacios, M. (2002). *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*. Covilhã: Editora Universidade da Beira Interior.
- Palacios, M., Mielniczuk, L., Barbosa, S., Ribas B. & Narita, S. (2002). Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. *Comunicarte*, Aveiro, v. 1, n. 2.
- Palacios, M. (2003). Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: Machado, E. & Palacios, M. (Orgs.). *Modelos do jornalismo digital*. Salvador: Editora Calandra.
- Santaella, L. (2001). *Matrizes da linguagem do pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras.
- Silva, F. F. (2008). Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano. In: *Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor*, 6., 2008, São Bernardo do Campo. [Anais...] São Bernardo do Campo: UMESP.
- Ward, M. (2002). *Journalism online*. Woburn: Focal Press.
- Zuin, A. L. A. & Correia, C. M. de C. (2008). Jornalismo impresso e jornalismo online: a linguagem híbrida da informação. In: *Simpósio Nacional de Pesquisadores em Comunicação e Cibercultura - ABCIBER*, 2., 2008, São Paulo. [Anais...] São Paulo: PUC-SP.

Nota biográfica dos autores

Augusto Lohmann, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ): é arquiteto de informação, jornalista e pesquisador. Seus interesses acadêmicos incluem: colaboração na web, design de experiência, design de interação, design centrado no usuário, design de interface, design de informação e usabilidade.

augustolohmann@yahoo.com.br

Breno Bitarello, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ): é tatuador, designer e pesquisador. Seus interesses acadêmicos incluem: design de tecnologias e artefatos cognitivos, design de interfaces interativas, interação humano-computador e visualização da informação.

brenobitarello@gmail.com

Leonardo Rocha, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ): é arquiteto de informação, designer e pesquisador. Seus interesses acadêmicos incluem: web semântica, design de experiência, design de interação, design centrado no usuário, design de interface, design de informação e usabilidade.

leoburla@estacazero.com